

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Jennifer Ramos dos Santos  
RA00208272

**EGITO ANTIGO SOB O OLHAR DA INTELLECTUALIDADE AFRICANA:  
PERCEPÇÕES E TEORIAS DE DIOP, KI-ZERBO E M'BOKOLO**

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

São Paulo  
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Jennifer Ramos dos Santos  
RA00208272

**EGITO ANTIGO SOB O OLHAR DA INTELLECTUALIDADE AFRICANA:  
PERCEPÇÕES E TEORIAS DE DIOP, KI-ZERBO E M'BOKOLO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de LICENCIANDA em História.

Orientador: Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo  
Coorientador: Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette.

São Paulo

2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste Trabalho de Conclusão de Curso por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

*e-mail* \_\_\_\_\_

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

R175 Ramos dos Santos, Jennifer  
Egito Antigo Sob o Olhar da Intelectualidade Africana:  
percepções e teorias de Diop, Ki-Zerbo e M'Bokolo / Jennifer  
Ramos dos Santos. São Paulo, 2020.  
47 f.

Orientador: Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo  
Coorientador: Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de  
Ciências Sociais.

1. Egito Antigo. 2. África Negra. 3. Diop. 4. Ki-Zerbo. 5. M'Bokolo.  
I. Azevedo, Amailton Magno. II. Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais. III. Título.

CDD

Jennifer Ramos dos Santos  
RA00208272

**EGITO ANTIGO SOB O OLHAR DA INTELLECTUALIDADE AFRICANA:  
PERCEPÇÕES E TEORIAS DE DIOP, KI-ZERBO E M'BOKOLO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de LICENCIANDA em História.

Orientador: Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo

Coorientador: Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo (PUC-SP)

---

Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette (PUC-SP)

---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Oxalá e a todos os meus guias de fé, protetores que me guardam e cuidam do meu Ori. A todos que vieram antes de mim. À minha ancestralidade sábia africana. Aos verdadeiros donos desta terra Brasil. Aos meus griots.

À minha mãe, mulher preta, nordestina, dotada de toda sabedoria e amor, que segue sempre ao meu lado, mesmo à quilômetros de distância. Um ser de luz. Minha conexão de vidas passadas e futuras.

A meu pai, homem preto, guerreiro nato, que se descobre a cada dia um ser maior e mais amável. São estes os únicos que sempre acreditaram em mim, me apoiaram nos momentos mais difíceis e doloridos, físico e emocionalmente. Este trabalho também é de vocês.

Agradeço aos meus orientadores Amailton e Álvaro que estiveram sempre dispostos a ouvir e colaborar com as minhas mil e uma ideias, muito pacientemente.

Aos demais professores do curso de história, em especial ao coordenador Lauro e às professoras Marijane e Yone, sempre dispostos a me ouvir.

Agradeço às mulheres trabalhadoras terceirizadas da PUC-SP, especialmente às mulheres pretas. Desejo que assumam seus lugares naquelas cadeiras estudantis pois a elas também pertencem.

Agradeço à Fundação São Paulo (FUNDAESP), mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo benefício de bolsa integral, bem como o suporte oferecido em meio à atual pandemia provocada pela COVID-19. Sem estes, não seria possível concluir meus estudos.

Por fim, agradeço a todos que algum dia me falaram que eu não conseguiria. Vocês foram ao mesmo tempo o medo que me assombrava e força motivadora para que eu seguisse em frente, contrariando as estatísticas. Resisti!

Asè.

Os melhores historiadores reconhecem também que ser historiador é escolher o seu tema, os seus centros de documentação, as suas fontes [...]. A partir do momento em que o historiador escolhe a todos estes escalões, o historiador procura não somente a verdade, mas também a 'sua' verdade.

Joseph Ki-Zerbo

RAMOS DOS SANTOS, Jennifer. **Egito Antigo Sob o Olhar da Intelectualidade Africana: percepções e teorias de Diop, Ki-Zerbo e M'Bokolo**. Trabalho de Conclusão de Curso; Faculdade de Ciências Sociais, Licenciatura em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 2020.

## RESUMO

O presente artigo propõe a análise acerca da concepção de Egito Antigo na perspectiva de três historiadores africanos: Cheikh Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo e Elikia M'Bokolo. Para tal, serão aqui analisadas as obras *Nations Nègres et Culture*, *Antériorité des Civilisations Nègres: Myth ou Vérité Historique?*, *Civilization or Barbarism* e *A origem dos antigos egípcios* de Diop, *História da África Negra - volume I* de Ki-Zerbo e *África Negra: História e civilizações - tomo I* de M'Bokolo. Neste sentido, buscamos compreender suas linhas historiográficas, bem como suas contribuições para a construção do que se compreende como Egito Antigo africano.

**Palavras-chave:** Egito Antigo. África Negra. Diop. Ki-Zerbo. M'Bokolo.

## ABSTRACT

This article proposes an analysis of the concept of Ancient Egypt from the perspective of three African historians: Cheikh Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo and Elikia M'Bokolo. To this end, will be analyzed here the works *Nations Nègres et Culture*, *Antériorité des Civilisations Nègres: Myth ou Vérité Historique?*, *Civilization or Barbarism* and *The Origin of the ancient Egyptians* by Diop, *History of Black Africa - v. I* by Ki-Zerbo and *Black Africa:History and civilizations - v. I* by M'Bokolo. In this sense, we seek to understand its historiographic lines, as well as it's contributions to the construction of what is understood as Ancient African Egypt.

**Keywords:** Ancient Egypt. Black Africa. Diop. Ki-Zerbo. M'Bokolo.

## RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser le concept de l'Égypte Ancienne du point de vue de trois historiens africains: Cheikh Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo et Elikia M'Bokolo. Pour cela, les œuvres *Nations Nègres et Culture*, *Antériorité des Civilisations Nègres: Myth ou Vérité Historique?*, *Civilization or Barbarism* et *L'origine des Egyptiens Ancienne* par Diop, *Histoire de l'Afrique Noire - v. I* par Ki-Zerbo et de *l'Afrique Noire: Histoire et Civilisations - v. I* par M'Bokolo. En ce sens, nous cherchons à comprendre ses lignes historiographiques, ainsi que ses contributions à la construction de ce qui est entendu comme l'Égypte Ancienne en Afrique.

**Mots-clés:** Egypte Ancienne. Afrique Noire. Diop. Ki-Zerbo. M'Bokolo.

## LISTA DE SIGLAS

**AERDA** - Association des Étudiants du Rassemblement Démocratique Africain  
(Associação dos Estudantes da Reunião Democrática Africana)

**ANKH** - Revista Africana de Egiptologia e Civilizações Africanas

**CEDA** - Centre d'Études pour le Développement Africain (Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano)

**FEANF** - Fédération des Étudiants d'Afrique noire en France (Federação de Estudantes Africanos em França)

**HGA** - História Geral da África

**OUA** - Organização da Unidade Africana

**PUC-SP** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**RDA** - Rassemblement Démocratique Africain (Assembleia Democrática Africana)

**UCAD** - Universidade Cheikh Anta Diop

**UNESCO** - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization  
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

## CRONOLOGIA

A cronologia aqui apresentada está pautada na proposta descrita na coleção História Geral da África, portanto:

Na apresentação das datas da pré-história convencionou -se adotar dois tipos de notação, com base nos seguintes critérios:

- Tomando como ponto de partida a época atual, isto é, datas B.P. (before present), tendo como referência o ano de +1950; nesse caso, as datas são todas negativas em relação a +1950.
- Usando como referencial o início da Era Cristã; nesse caso, as datas são simplesmente precedidas dos sinais - ou +.

No que diz respeito aos séculos, as menções “antes de Cristo” e “depois de Cristo” são substituídas por “antes da Era Cristã”, “da Era Cristã”.

Exemplos:

(i) 2300 B.P. = -350

(ii) 2900 a.C. = -2900

1800 d.C. = +1800

(iii) século V a.C. = século V antes da Era Cristã

século III d.C. = século III da Era Cristã

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: APENAS O COMEÇO .....</b>	<b>112</b>
<b>1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 - EGITO ANTIGO POR HISTORIADORES AFRICANOS .....</b>	<b>18</b>
2.1 - <i>Egito Antigo Negro de Cheikh Anta Diop .....</i>	<i>19</i>
2.2 - <i>Egito Antigo em África Negra de Joseph Ki-Zerbo.....</i>	<i>26</i>
2.3 - <i>Muito além do Egito Antigo de Elikia M'Bokolo .....</i>	<i>32</i>
2.4 - <i>Reflexões, consonâncias e contrastes.....</i>	<i>37</i>
<b>3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## APRESENTAÇÃO: APENAS O COMEÇO

Muito provavelmente o leitor deste trabalho pode estar se perguntando “por que Egito?” ou “por que falar novamente do Egito?”.

A resposta para tais questões poderiam ser explicadas (e posteriormente serão) através de inúmeros argumentos e termos acadêmicos, mencionando a importância do tema para a compreensão da antiguidade e contradições acerca da narrativa construída, etc, etc, etc... Tudo de imensurável valor e importância histórica. Contudo, nesta apresentação inicial opto por compartilhar fatores mais vívidos e próximos à realidade de uma maioria não acadêmica, da qual até o presente momento faço parte, relacionados à minha jornada até aqui.

Honestamente, quando criança, não associava pirâmides, Cleópatra (leia Elizabeth Taylor) ou Egito ao continente africano. E sendo bastante realista, a maior aproximação que tive com o tema durante uma infância dançante no subúrbio do Rio de Janeiro foi nos anos noventa, sob influência da canção de uma famosa banda do período que afirmava aquela ser “a mistura do Brasil com o Egito”.

Durante algum tempo, inúmeros questionamentos sobre o assunto permearam meus pensamentos, contudo, nenhum deles nunca foram por mim investigados ou respondidos, muito por conta de não me recordar de o tema ter sido abordado na escola. E hoje percebo que caso tivesse havido tal espaço, muito provavelmente partiria de uma perspectiva historiográfica hegemônica.

Os anos passaram e, por mais que eu pertencesse a uma família preta, tudo o que dizia a respeito de nós - cultura e crenças - era simplesmente renegado, menosprezado ou inferiorizado pela sociedade que nos cercava, de maioria branca. Somente anos depois me dei conta de que tudo aquilo e tantas outras coisas que passei tinha nome: racismo.

Apenas em 2017, já em São Paulo, iniciei o processo de reconexão identitária e cultural, em parte graças ao grupo do qual fiz parte durante alguns anos, Ilú Obá de Min. Durante este percurso, participar do curso *Baobá, Fortificando Raízes* realizado no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular (CDHEP) do Capão Redondo fez toda diferença e definiu o que era já urgente mas estava adormecido em mim: estudar

as Áfricas antiga, ancestrais. Neste curso a primeira aula foi ministrado pelo Professor Dr. Salomão Jovino da Silva<sup>1</sup>, o Salloma Salomão e foi neste dia que ouvi falar pela primeira vez de Egito numa perspectiva africana. Foi também a primeira vez que ouvi falar sobre o Dr. Cheikh Anta Diop.

Cabe ressaltar que, não por não partirem de um contexto de erudição estes fatores propulsores são menos valiosos; ao contrário: a falta de acesso à uma perspectiva educacional verdadeiramente comprometida com o ensino básico, a massiva narrativa que incentivara e se mantêm propondo uma construção racializadora numa perspectiva de embranquecimento estético e de conhecimento advindo da não aceitação de saberes ancestrais dos povos pretos me impulsionaram a tais questionamentos que permeiam minha existência num mundo onde narrativas não hegemônicas continuam sendo invisibilizadas.

Destas e de outras experiências manifesta-se à vontade e necessidade de aproximar-me dos estudos históricos e, uma vez (re)ingressa na universidade, novos questionamentos foram emergindo.

Por que só tive conhecimento sobre a produção do Dr. Diop num curso ministrado por pessoas pretas? Por que no curso de licenciatura em história apenas uma disciplina tem em sua bibliografia autores africanos? Por que neste curso dedicamos maior atenção à Antiguidade grega e romana? Por que não falamos de Egito Antigo? Por que só há uma disciplina de África<sup>2</sup> - leia África Contemporânea - para falar de um continente vasto e diversificado, com culturas e histórias postas a longuíssimo prazo? É, portanto, neste contexto portanto que me apresento como impulsionadora de tais questões e me coloco à serviço da coletividade interessada e comprometida em romper paradigmas hegemônicos.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor, com graduação (1997), Mestrado (2000) e Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005), músico e multi-instrumentista.

<sup>2</sup> Citando especificamente o curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

## 1 - INTRODUÇÃO

Os estudos sobre Egito, sobretudo acerca de sua antiguidade, tiveram grande destaque entre os séculos XVIII e XIX, especialmente no campo da, até então, etnologia e arqueologia sob o olhar europeu. A exemplificação mais conhecida deste fato deve-se à incursão napoleônica à região do Vale do Nilo que resultou na fundação do Institut d'Égypte em 1798 e na redescoberta da *Pedra Rosetta*<sup>3</sup> em 1799, cuja decifração dos hieróglifos fora apresentada por Jean-François Champollion, *le jeune*, em 1822, se tornando este conhecido pelo termo “pai da Egiptologia”. Observou-se, a partir de então, crescente fascínio pelo Antigo Egito, caracterizado essencialmente nas artes, arquitetura e cinema, muito embora caiba destacar que, de acordo com Margareth Bakos (2003), o fenômeno denominado egiptomania<sup>4</sup> se apresenta anteriormente à Egiptologia.

Durante os séculos os estudos sobre o Egito Antigo foram empreendidos, essencialmente, por pesquisadores fixados no continente Europeu representados por Constantin François de Volney, Gaston Maspero e Auguste Ferdinand Mariette, muitas vezes notados em caráter exploratório mais elevado ao narrativo<sup>5</sup> bem como o deslocamento para longe do continente africano.

Embora a Egiptologia tenha sido representada em maior destaque sob a ótica eurocêntrica, cabe mencionar que esta área de estudo não é única: a Egiptologia é múltipla e, na maioria das vezes, suas faces se apresentam sob prismas conflitantes, partindo não somente da história historiográfica seguida pelo pesquisador mas também de sua posição geográfica, política e ideológica. Não cabe neste trabalho

---

<sup>3</sup> A Pedra Rosetta, atualmente exposta no Museu Britânico, é um fragmento arqueológico constituído por uma rocha semelhante ao granito, datada de aproximadamente 196 antes da Era Cristã (portanto no Egito Ptolomaico) que contém hieróglifos que permitiram o avanço na compreensão da língua antiga egípcia.

<sup>4</sup> “Por egiptomania entendemos a apropriação e a reinterpretação de elementos da cultura egípcia, com vistas à criação de novos significados e usos. Revivificação egípcia, estilo do Nilo, faraonismo e egiptomania são expressões diferentes para expressar o mesmo fenômeno, explica Jean Marcel Humbert” (BAKOS, 2003, p.1)

<sup>5</sup> Entre as obras dos três egiptólogos citados destaco *Voyage en Syrie et en Égypte pendant les années 1783, 1784 et 1785* de Volney, *Description Histoire ancienne des peuples de l'Orient* de Maspero e *Outlines of ancient Egyptian History* de Mariette.

julgar o posicionamento mais adequado. As intenções aqui são de evidenciar um assunto comprovadamente invisibilizado nos estudos sobre Egito Antigo: a perspectiva de historiadores africanos sobre o tema.

É verificada a inferiorização projetada por africanistas eurocêntricos perante a intelectualidade africana, a que Théophile Obenga (2013) chamaria de “caricatura do pensador africano” tanto no espectro dos estudos sobre África e aqui especificamente sobre Egito Antigo, como, observando a atualidade, no ensino destas disciplinas na graduação em História, bem como a escassez de autores africanos falando de África.

Neste sentido, o presente trabalho não se destina a abordar as especificidades sobre a imagem projetada pela historiografia ou como está colocada a representação do Egito Antigo uma vez que esta temática foi e continua sendo amplamente estudada<sup>6</sup>, tampouco debater sobre o processo de desafricanização do Egito<sup>7</sup>. Dessa forma, cabe a este artigo realizar a análise de uma especificidade ainda não estudada em sua profundidade merecida (sobretudo no Brasil<sup>8</sup>): refletir acerca das teorias sobre Egito Antigo desenvolvidas por historiadores africanos.

Repensar a egiptologia num processo africano e teorizada por africanos significa contrapor a perspectiva hegeliana (1971) de uma África a-histórica, ausente de temporalidade própria e sem sujeitos ativos na constituição da memória deste território. Portanto, não significa somente reconhecer o Egito em África, mas o Egito em África por africanos. Deste modo é possível considerar como o Pan-Africanismo insurgente do século XX influenciou e impulsionou o discurso de África como uma unidade em si e como o movimento tratou de restabelecer conexões com a antiguidade, sobretudo egípcia<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Ver HERNANDEZ (2005), FUNARI (2011, 2019) e PAIVA (2016).

<sup>7</sup> Ver OLIVA (2017) e SAGREDO (2017).

<sup>8</sup> Cabe mencionar que a área da Egiptologia brasileira apresenta vasta produção acadêmica sobre as multiplicidades e especificidades do tema, muito embora, observando a bibliografia utilizada em seus trabalhos, pouco ou nunca se observa referência aos historiadores africanos que tratam do tema. Entre os principais nomes desta intelectualidade dedicada à estas pesquisas no Brasil destaco Antonio Brancaglioni Junior, Ciro Flamarion Santana Cardoso, Margaret Marchiori Bakos, Raquel dos Santos Funari, Marcelo Aparecido Rede, Cíntia Alfieri Gama, Haydée Oliveira, e mais recentemente Renan Lemos.

<sup>9</sup> No artigo *Reivindicações pela origem: a apropriação do Egito antigo pelo discurso pan-africano* (2009), Reis propõe a seguinte análise: “Este trabalho dedica-se a entender a maneira pela qual o Egito Antigo, enquanto símbolo da origem da civilização reconhecido e consagrado pela historiografia tradicional foi

Na perspectiva de análise teórica acerca da construção de um Egito Antigo Africano, cabe destacar a produção historiográfica de três autores em especial: Cheikh Anta Diop (1923-1986), Joseph Ki-Zerbo (1922-2006) e Elikia M'Bokolo (1944-). Sob este aspecto é possível compreender a escolha a partir do que Carlos Lopes (1995) denomina como “pirâmide invertida” ao processo de retomada da consciência histórica africana e certo ufanismo nacionalista que, em nada diminui o propósito de pesquisa.

Sobre eles podemos confirmar a importância historiográfica tanto por darem início à retomada das pesquisas nesta nova perspectiva ou ampliação e problematização das teorias anteriormente postuladas, mas também devem ser considerados pela contribuição na historiografia africana em geral, incluindo a participação na formulação da coleção História Geral da África (HGA) sendo Diop e Ki-Zerbo na primeira etapa da constituição do projeto (sendo Ki-Zerbo o organizador do primeiro volume) e M'Bokolo fundamental para a segunda etapa do processo que pensa as novas configurações de África em diálogo com a anterioridade proposta. Vale aqui também ressaltar a informação sobre todos os três terem se formado pela *Sorbonne Université*, local que propiciou abertura para inúmeras pesquisas sobre África na perspectiva africana e instituiu intensos debates dentro e fora do ambiente acadêmico que suscitaram inclusive no estabelecimento da *Fédération des Étudiants d'Afrique Noire en France* (FEANF) e da criação da editora *Présence Africaine* em 1947 por Alioune Diop, selo pelo qual são publicados os principais livros de Cheikh Anta, Obenga, e outros, além de ser impulso para a posterior criação da Revista ANKH de Egptologia.

Os três autores rompem barreiras em seu tempo e personificam a importância dos estudos africanos realizados por historiadores africanos. Suas contribuições se apresentam no campo acadêmico, social, político e cultural, não sendo possível muitas vezes, separá-los uns dos outros. Mesmo assim, no Brasil não temos acesso difundido a suas obras ou, como já mencionado anteriormente, não são consideradas primordiais para análise.

---

apropriado pelo pensamento pan-africano e transformado em emblema da grandiosidade do passado comum da África, mais precisamente da 'raça negra', e lugar de memória dessa nova coletividade, como origem da própria humanidade.”.

Em exceção à regra estabelecida hegemonicamente, é possível notar a necessária e urgente análise mais atenta sobre estes autores muito porque na historiografia brasileira, ou mesmo na composição curricular dos cursos de licenciatura e bacharelado em história<sup>10</sup>, estes autores pouco aparecem (ou não aparecem) ou seus estudos ainda são pouco considerados frente a egiptologia eurocêntrica, embora seja possível destacar a existência de um volume maior de pesquisas que consideram estes autores no campo da filosofia<sup>11</sup>. Frente a este fato, é frugal e urgente o estudo destas narrativas a partir de uma perspectiva histórica, neste caso, partindo da compreensão e análise intelectual dos autores e suas produções seguindo questões determinantes como: a partir de onde estes autores pensam o Egito? A partir do contexto que ele existe ou a partir das referências que a população tem?

Portanto, fica estabelecido como objetivos aproximar a temática proposta da academia brasileira de maneira a focalizar a perspectiva e autores africanos, bem como analisar a contribuição destes três historiadores sobre a história do Egito Antigo, verificar como são fundamentais a inteligência da história africana, suas especificidades destacadas sobre o tema, motivações de pesquisa, intencionalidades e perspectivas historiográficas. Para além, caberá aqui verificar quais são as teorias identificadas nos trabalhos, como são construídas, compreendidas e reafirmadas, a exemplo do Egito Antigo Negro como berço da Civilização *versus* África Antiga Ampliada.

Para a realização deste trabalho, serão adotadas as seguintes especificações com relação à metodologia científica: básica estratégica com utilização dos livros *Nations Nègres et Culture*, *Antériorité des Civilisations Nègres: Myth ou Vérité Historique?*, *Civilization or Barbarism* e *A origem dos antigos egípcios* de Diop, *História da África Negra - Volume I* de Ki-Zerbo e *África Negra: História e civilizações - tomo I* de M'Bokolo como fonte de análise. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória, uma vez que, conforme mencionado anteriormente, pouco são os

---

<sup>10</sup> Refiro-me especificamente à grade dos cursos de bacharelado e licenciatura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

<sup>11</sup> A mestre em filosofia e doutoranda Katiúscia Ribeiro (UFRJ) atualmente é referência nesta área de estudo.

estudos que se dedicam a análise desta temática, através de abordagem qualitativa com finalidade teórica.

## 2 - EGITO ANTIGO POR HISTORIADORES AFRICANOS

Até a década de 1950 a história africana foi essencialmente produzida por intelectuais europeus. Posterior a este momento é verificado um pequeno crescimento na realização de estudos contra-hegemônicos produzidos por não europeus, especialmente por africanos. Apesar disso, o debate sobre o eurocentrismo e a história, sobretudo africana, é algo bastante recente se considerarmos o longuíssimo tempo histórico do continente. (BARBOSA, 2012, p.4).

O homem é um animal histórico. O homem africano não escapa a esta definição. Como em toda parte, ele faz sua história e tem uma concepção dessa história. [...], mas sendo a consciência histórica um reflexo de cada sociedade, e mesmo de cada fase significativa na evolução de cada sociedade, compreender -se -á que a concepção que os africanos possuem de sua própria história e da história em geral seja marcada por seu singular desenvolvimento. (HAMA; Ki-Zerbo, 2011, p.23).

Nesta perspectiva, podemos, mais uma vez, ponderar que de África venham emergir estudos sobre o próprio continente e para além.

Quando verificamos o caso específico do Egito Antigo sob a ótica africana, é possível levantar alguns questionamentos fundamentais para a compreensão de como estes estudos se estruturam. Em princípio convém a questão de como estes autores se relacionam com o problema? Na sequência, qual a importância de se conhecer o contexto nacional onde surgem as motivações para estudo e como se dá o processo inicial de pesquisa.

Estes e outros aspectos anteriormente definidos serão aqui levados em consideração por qualificá-los como elementos fundamentalmente essenciais para o desenvolvimento das análises futuras.

## 2.1 - Egito Antigo Negro de Cheikh Anta Diop

Conforme sabemos, para compreender o trabalho e as pesquisas de Dr. Diop e de tantos outros intelectuais cuja análises se colocam como marcos historiográficos, se faz do que necessário apropriar-se de conhecimento acerca de sua trajetória pessoal e do contexto político no qual seu país se encontrava no início de seus estudos.

Cheikh Anta Diop nasceu em Thiaytoug (território também conhecido como Thiaytoug e Caytoug), no centro-oeste do Senegal em 29 de dezembro de 1923, mais precisamente na região de Diourbel (Baal-Cayor), comunidade fundada e liderada por seu avô, o *Lamaan*<sup>12</sup> Massamba Sassoum Diop, o velho, que tinha como religião o Islã. Neste período o país encontrava-se sob dominação francesa, sendo Dakar a partir de 1902 até 1960 na independência do país, a capital da África Ocidental Francesa (AOF).

Durante sua infância e juventude estudou em escolas da região Diourbel e na capital Dakar, onde em 1945 concluiu seus estudos em matemática e filosofia, fator que demonstra que desde muito cedo uma característica polímata de formação. Em 1946, conforme relata no prefácio de *Anteriorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?*, afirma que suas pesquisas, iniciadas em setembro deste ano já na França, foram motivadas pela situação colonial do período e, neste sentido, podemos compreender a fundamental importância dos estudos anticoloniais desenvolvidos a partir desta década. É um homem de sua época e neste sentido, como separar a urgência do debate pela independência de uma reconexão com um passado negro africano independente?

Em seu livro *Egito Antigo* de 1984, Ciro Flamarion Cardoso, ao criticar o posicionamento ideológico que, supostamente sobrepõe a uma pesquisa embasada em fontes realizada por Diop, parece não levar em consideração o contexto político do Senegal e de todo continente africano na segunda metade do século XX, meio à

---

<sup>12</sup> O *Lamaan* ou *Lamane* na língua Serer significa “senhor da terra”. A nomenclatura era constantemente utilizada pelo povo Serer e Wolof para designar chefes, fundadores e reis na região da Senegâmbia.

insurgência de movimentos de luta pela emancipação do continente e o estabelecimento daquilo que se concebia como Unidade Africana.

Haveria como separar ideologia política de história? Não seria essa a motivação inicial de uma pesquisa (compreendendo, obviamente, que o resultado não deve expressar uma estritamente opinião pessoal)? A crítica pode e deve ser realizada com relação à metodologia e fontes, por exemplo, contudo não se pode, de maneira alguma, negar a influência política e social do tempo em que se produz. Cabe aqui profunda reflexão.

Apesar das opiniões contrárias ao fato, Diop é considerado o pesquisador que recoloca o Egito num contexto africano e aquele que, através das análises advindas de suas múltiplas formações na *Sorbonne Université* em filosofia, química, história, antropologia e linguística. Como um verdadeiro polímata, Diop representa a renovação da historiografia africana, alicerçada em metodologias que fazem uso da interdisciplinaridade comparativa, na introdução do tempo histórico e na restauração da unidade cultural africana, embora consciente de suas limitações, se propunha não somente à autocrítica mas também a questionamentos de novos pesquisadores, na perspectiva de enriquecimento ao contributo historiográfico africano.

Todo o trabalho é apenas um esboço onde faltam as perfeições dos detalhes. Era humanamente impossível para um único indivíduo trazê-los para lá: só poderia ser o trabalho de várias gerações africanas. Estamos cientes disso e a nossa necessidade de rigor sofre com isso: no entanto, as linhas gerais são sólidas e as perspectivas corretas. (DIOP, 1954, p. 12, tradução nossa)

Baseando-se no relatório do dr. Leakey apresentado em 1971, onde apresenta a hipótese da origem monogenética<sup>13</sup> e africana da humanidade, Cheikh Anta Diop (1981), visa retomar as pesquisas sobre a “origem africana da civilização”:

Isso quer dizer que toda raça humana teve sua origem, exatamente como supunham os antigos, aos pés das montanhas da Lua. Contra todas as expectativas e a despeito das hipóteses recentes, foi *desse lugar*<sup>14</sup> que o homem partiu para povoar o resto do mundo. (DIOP, 2011, p.1)

---

<sup>13</sup> O monogenismo se classifica como a “teoria que concebe uma origem humana única e de acordo com a qual as ‘raças’ se teriam diferenciado progressivamente, a partir de uma fonte comum, sob efeito do meio natural ou da hereditariedade.” (M’BOKOLO, 2009, p.23)

<sup>14</sup> Grifo do autor.

A partir destas considerações e outras fontes<sup>15</sup>, Diop pondera que os primeiros homens a habitar o eixo nilótico seriam essencialmente negroides, bem como somente haveria duas rotas possíveis para deslocamento em direção a outros continentes e estas seriam Saara e Vale do Nilo, logo, a exórdio do período determinado como Paleolítico Superior incluindo o período dinástico, essencialmente a região nilótica fora povoada por povos da pele de cor preta e neste sentido, postula o Egito como berço da humanidade.

Sua tese de doutorado não aceita em defesa se consolidou mais tarde, quando publicada pela *Présence Africaine* em 1954 sob o título *Nations nègres et culture: De l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui*, em instrumento e fonte de conhecimento científico sobre a história egípcia africana. Nesta e em quase totalidade de suas pesquisas sobre um Egito Antigo Negro, Diop utiliza como referências autores gregos de uma antiguidade próxima como Heródoto, Diodoro da Sicília e Estrabão, sobre qual falaremos mais adiante.

Compreendendo sua obstinação pela questão identitária egípcia, cabe questionar quem seriam os antigos egípcios para ele.

Sua pesquisa, que constitui a investigação acerca do que chama a “origem dos antigos egípcios”, está essencialmente fundamentada no que, a priori, classifico como a teoria justificada através de dez distintos pilares metodológicos analíticos.

A análise fenotípica a partir de evidências fisiológicas da antropologia tais como medição de crânio e índice nasal, embora deva ser considerada com inúmeras ressalvas<sup>16</sup>, menciona em seus estudos a consonância de “uma raça negra” desde a Pré-História, sintetizadas por Emile Massoulard em *Préhistoire et Protohistoire d'Égypte*. Sob esta ótica, Diop afirma a primeira evidência de que a população egípcia seria originalmente negra:

Assim, todas elas são incompatíveis com a teoria de que o elemento negro se infiltrou no Egito em período tardio. Pelo contrário, os fatos provam que o elemento negro era preponderante do princípio ao fim da história egípcia, particularmente se observarmos, uma vez mais, que “mediterrânico” não é

---

<sup>15</sup> Ver regularidade de pigmentação animal via Princípio de Gloger e livro *An Introduction to Physical Anthropology* de M. F. Ashley Montagu.

<sup>16</sup> Vide Cesare Lombroso e sua teoria da antropologia criminal.

sinônimo de “branco”; estaria mais próximo da “raça morena ou mediterrânea” de Elliot--Smith. (DIOP, 2011, p.4)

Ainda de acordo com Diop, o segundo método pelo qual seria possível comprovar que o povo que habitava o Egito Antigo tinha a pele preta é através da dosagem de melanina<sup>17</sup> - em acordo com a proposta de verificação através do Princípio de Gloger - que poderia ser analisada a partir de um fragmento de pele (derme e epiderme) como realizado pelo próprio em múmias provenientes de escavações em Marietta, em salvaguarda do Museu do Homem de Paris. Portanto, este método se apresenta, até aquele determinado momento, como um dos meios de identificação ou “classificação da raça negra dos antigos egípcios”. Sobre este aspecto há inúmeras ressalvas, uma vez que mais recentemente mencionam a análise de DNA mitocondrial para verificação de “ancestralidade” de múmias do Egito Antigo<sup>18</sup>.

Em sequência, é possível destacar dois conceitos que estão essencialmente relacionados à antropologia; a análise osteológica<sup>19</sup> que determina quais seriam as proporções ideais do egípcio antigo através do que se conhece como “cânone de Lepsius” e a tipagem sanguínea, a qual não se conhece, ainda hoje, estudos mais específicos que possibilitam comprovar sua teoria de que a grande maioria dos egípcios, mesmo seus contemporâneos, possuíam a classificação sanguínea tipo B, verificada por ele como sendo predominante entre “raça negra”.

Possivelmente, as mais conhecidas - e questionadas - fontes utilizadas por Diop como justificativa de sua tese sobre a concretude de Egito Antigo Negro sejam

---

<sup>17</sup> “A melanina, substância química responsável pela pigmentação da pele, é, geralmente, insolúvel e preserva-se por milhões de anos na pele dos animais fósseis” (NICOLAUS, 1968, p.11 apud DIOP, 2011, p.10).

<sup>18</sup> Ver Schuenemann, Verena & Peltzer, Alexander & Welte, Beatrix & Pelt, Willem & Molak, Martyna & Wang, Chuan-Chao & Furtwängler, Anja & Urban, Christian & Reiter, Ella & Nieselt, Kay & Teßmann, Barbara & Francken, Michael & Harvati, Katerina & Haak, Wolfgang & Schiffels, Stephan & Krause, Johannes. (2017). ***Ancient Egyptian mummy genomes suggest an increase of Sub-Saharan African ancestry in post-Roman periods.*** Nature Communications. 8. 10.1038/ncomms15694. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/317237154\\_Ancient\\_Egyptian\\_mummy\\_genomes\\_suggest\\_an\\_increase\\_of\\_Sub-Saharan\\_African\\_ancestry\\_in\\_post-Roman\\_periods](https://www.researchgate.net/publication/317237154_Ancient_Egyptian_mummy_genomes_suggest_an_increase_of_Sub-Saharan_African_ancestry_in_post-Roman_periods).

<sup>19</sup> Esta que se distingue da craniologia por ser essencialmente descritiva, distante à comparação entre espécies.

os relatos dos autores clássicos da Antiguidade Greco-Latina<sup>20</sup>. Sobre este aspecto, vale dedicar considerável atenção não somente a fim de compreender cada designação proposta pelos autores “clássicos” aos antigos egípcios, mas também como Diop as acessa, interpreta e decodifica essas informações.

Heródoto (-485 a -425), considerado o “pai da História”, no *Livro II de Histórias*, apresenta um relato geográfico e narrativo de sua incursão ao Egito ocorrida no século V antes da Era Cristã. Em uma destas passagens destacadas por Diop, ao verificar a cor preta da pele dos Kolchu, propõe imediata associação destes que viviam na Cólquida, à uma origem egípcia, observação que, anunciada por ele, adquire caráter associativo acerca da “raça” dos antigos egípcios. Não obstante à caracterização através do fenótipo, relata a prática da circuncisão entre os colquídeos, processo identificado como sendo exclusivamente realizado por egípcios e etíopes. (DIOP, 2011, p.12). Em acordo, Estrabão (-58 a +25) que visitara o Egito sob Império Romano, pactua com Heródoto a teoria sobre a origem egípcia dos Kolchu, todavia defende a ideia de que “as migrações para Etiópia e Cólquida vieram apenas do Egito”. Em contrapartida, o historiador Diodoro da Sicília (-63 a +14) defende a tese de que teria sido a Etiópia a colonizar o Egito e não o oposto como considerava Estrabão, logo, em nada se opunha à origem negra egípcia antiga. (DIOP, 1954, 1974, 2011).


Esta rápida revisão dos testemunhos apresentados pelos antigos escritores greco-latinos sobre a raça egípcia mostra que o grau de concordância entre eles é impressionantemente, constituindo um fato objetivo difícil de subestimar ou ocultar. (DIOP, 2011, p.18).

Sobre este aspecto, cabe observar a aceitação sem muitos questionamentos por Diop a respeito da constituição imagética transmitida pelos autores antigos que pudera ser idealizada ou comparada simplesmente a uma realidade grega.

O sexto argumento metodológico através do qual Diop empreende sua análise sobre uma antiguidade egípcia negra discorre sobre a autorrepresentação daquele

---

<sup>20</sup> São citados por Diop em *Nations negres et Culture* Heródoto, Estrabão, Diodoro da Sicília, Aristóteles, Luciano, Apolodoro, Ésquilo, Aquiles Tácio, Diógenes Laércio e Amiano Marcelino. No presente artigo concentro a atenção e análise somente aos três primeiros, respectivamente.

povo. O termo que empregavam para designarem a si era *kmt* que empregado como adjetivo, de acordo com a tradução proposta por Diop, significava “negros”, logo  significaria “terra de homens negros”, contrariando a historiografia hegemônica que apresenta a tradução relacionada à cor preta relacionada ao lodo que restava pós enchente do Nilo. (DIOP, 2011, p.22).

Ainda relacionado à tradução dos hieróglifos, os epítetos divinos possibilitam, sob sua ótica, mais uma verificação sobre a negritude egípcia, somado aos testemunhos da bíblia que associavam Kush e Mizraim (Egito) à Cam.

Para além, fatores culturais e aspectos linguísticos constituem os dois últimos pilares analíticos propostos por Cheikh Anta. Em consideração ao primeiro, a relação com o totemismo, práticas de circuncisão, organização social e governamental são colocadas como elementos que aproximam outros povos em África destas práticas pontuadas como iniciais egípcias. O mesmo se repete para o último pilar que se estabelece na comparação do egípcio antigo e do wolof, língua falada sobretudo no Senegal. Ambos são questionáveis à medida que são embasadas na associação entre cultura e “raça”. (DIOP, 1954, 2014).

O problema da mais monstruosa falsificação na história da humanidade pelos historiadores modernos não poderia ter sido mais bem colocado do que o fez Volney. Ninguém foi mais capaz do que ele para fazer justiça à raça negra, reconhecendo o seu papel de guia pioneiro da humanidade no caminho para a civilização. (DIOP, 1974, p.? tradução nossa)

Frente aos múltiplos questionamentos e argumentos que se colocam contra ao estabelecimento desta “Origem Negra Egípcia”, Diop propõe a teoria de falsificação da história, que está ancorada não somente na negação de fatos cientificamente comprovados, como também no estabelecimento do “mito negro” passivo e selvagem, ou Maspero que tenta atribuir a origem do Egito faraônico aos povos da Europa. Sobre a questão do mito, Volney faz a seguinte observação:

Mas, voltando ao Egito, sua contribuição para a história fornece muitos temas para a reflexão filosófica. Que temas importantes para a meditação: a atual barbárie e ignorância dos coptas, considerados como tendo nascido do gênio dos egípcios e dos gregos; o fato de esta raça de negros, que hoje são escravos e objeto de nosso menosprezo, ser a mesma a quem devemos nossa arte, nossas ciências e mesmo o uso da palavra escrita; e, finalmente, o fato de, entre os povos que pretendem ser maiores amigos da liberdade e da

humanidade, ter-se sancionado a escravidão mais bárbara e questionado se os negros teriam cérebros da mesma qualidade que os cérebros dos brancos! (VOLNEY, 1787 *apud* DIOP, 1974, p.?)

Apesar visualizada como positiva por Diop, esta consideração de Volney deve ser analisada com maior profundidade sob a inteligência que o considera como um sujeito de seu tempo.

De fato, as teorias desenvolvidas por Diop representam um marco histórico no restabelecimento de um Egito em continente africano, o que pode ser demonstrado através da recepção de sua conferência no simpósio do Cairo em 1978, quando os membros do encontro passam, após inúmeros questionamentos acerca de suas pesquisas, aceitá-las como marco científico. Segundo ele, “a Antiguidade egípcia é, para a cultura africana, o que é a Antiguidade greco-romana para a cultura ocidental”. (DIOP, 2011, p.34).

## 2.2 - Egito Antigo em África Negra de Joseph Ki-Zerbo

“N’an laara, an saara!” Si nous nous couchons, nous sommes morts!

Joseph Ki-Zerbo

Sem objeções, considerado um dos mais importantes intelectuais africanos do século XX, Joseph Ki-Zerbo nasceu em 1922 na antiga República de Alto Volta (atualmente Burkina Faso) na região oeste do continente africano. Durante a infância realizou seus estudos em escolas missionárias entre Burkina Faso, Senegal e Mali. em 1949 ingressa na Sorbonne Université e no Institut d'Études Politiques (Sciences Po) de Paris onde concluiu sua graduação em História com múltiplas honrarias<sup>21</sup>.

Embora tenha dedicado seus estudos inicialmente à academia, foi ator político importantíssimo em seu país, especialmente no contexto de lutas pelas independências africanas perante domínio neocolonial, estando diretamente ligado politicamente a outros intelectuais africanos como Patrice Lumumba, Amílcar Cabral, Sékou Touré e Kwame N’Krumah entre o início e meados da década de 1950, futuramente associando-se a partidos políticos.

Seu trabalho se concentra a partir de então no desenvolvimento endógeno, numa perspectiva de olhar e compreensão interior; africanos observando África, opondo-se à exclusão desta intelectualidade anteriormente estabelecida. Neste caminho, além de professor em universidades em Orléans, Paris, Dakar e Burkina Faso, torna-se membro do Conselho Executivo da UNESCO e principal nome no desenvolvimento da coleção História Geral da África que propunha justamente efetivar e materializar o conceito por ele seguido de uma história africana feita por africanos e em 1980 estabelece o Centre d'Études pur le Développement Africain (CEDA) em Ouagadougou sobre o qual realiza a seguinte análise:

O CEDA realiza pesquisas que, na verdade, estão enraizadas em nossa terra com o objetivo de determinar uma ou mais hipóteses globais de entendimento, passíveis de inspirar a ação dos africanos e capazes de integrar a preservação

---

<sup>21</sup> Bibliografia apreendida através de documentação disponível no site da Fundação Joseph e Jacqueline Ki-Zerbo. Disponível em: <https://www.joseph-jacquelineki-zerbo.org/index.php/biographie/>. Acesso em: 30.ago.2020.

ecológica, a práxis social e a identidade cultural, setores-chave que são quase invariavelmente tratado como secundário em projetos de desenvolvimento.

[...] Devemos devolver a imaginação institucional das sociedades africanas à sua tradição de criatividade através da mais ampla gama possível de ciência e tecnologia e, com base nisso, rearticular uma teoria e uma práxis adequadas às suas situações. Devemos reconstruir a identidade da qual os povos africanos se alienaram pelas vicissitudes da história e sua própria amnésia.<sup>22</sup>

Paralelamente à atuação política, enquanto jovem professor de história, escreve entre 1962-69 aquele que seria considerado o livro essencial para o entendimento de África: *L'Histoire de l'Afrique Noire* (História da África Negra, v.1 e 2), publicado pela Hatier em 1972. Nesta obra, assim como em todos os seus trabalhos, é possível verificar como as perspectivas acadêmica e política estavam conectadas numa intersecção que demonstra sua objetivação em resgatar, perpetuar e projetar uma via legítima africana, afinal, “A África tem uma história” (KI-ZERBO, 2011, p.XXXI).

Traçada uma pequena biografia do autor, torna-se possível compreender mais amplamente seus escritos, bem como a importância em apresentar o Egito Antigo como sendo parte constituinte de uma África Negra. Neste sentido, sua análise sobre Egito Antigo engloba aspectos geográficos, sociais, político-organizacionais e culturais, partindo de uma compreensão mais abrangente que procura investigar e relacionar determinados eventos à esta antiguidade, problematizando inicialmente as fontes (suas limitações e acessos) e propondo a concepção de uma história viva, justamente por ser humana e deste tratar.

Logo, vale indagar: o que Joseph Ki-Zerbo apresenta sobre Egito Antigo?

Em virtude da forte seca a partir de - 3.500 na região da África tropical propiciou intenso deslocamento das populações do Neolítico para a região do Vale do Nilo em busca de sobrevivência. Com o aumento da densidade demográfica na região nilótica, constituiu-se a necessidade urgente de organização social, que viria a desenvolver uma unidade geográfica. Portanto, a grandeza do continente africano não advém

---

<sup>22</sup> Ver <https://www.joseph-jacquelineki-zerbo.org/index.php/2019/09/22/joseph-ki-zerbo-cet-historien-est-un-ecrivain-puisse-t-il-contribuer-largement-aux-progres-de-cette-histoire-africaine-dont-il-a-rappele-les-bases-et-retrace-les-grandes-heures-avec-une-emotion-pat/>

somente do que se compreende como um estabelecido Egito faraônico, mas sim com a constatação de contínua liderança que existira anteriormente nos períodos Paleolítico e Neolítico (KI-ZERBO, 1999, p. 79-80).

A partir da breve síntese a respeito das origens de um Egito Antigo apresentado por Ki-Zerbo, é possível compreender como se dá o processo evolutivo no que concerne o âmbito governamental, bem como se desenvolvem relações com os territórios próximos. Desta forma, a história egípcia antiga pode ser seccionada em três fases: Império Antigo (-3.500 a -2.000) que compreende a 1ª à 12ª dinastia, Império Médio (-2.000 a -1.580) entre 12ª e 18ª dinastia e Império Novo (-1.580 a -1100) a partir da 19ª dinastia até a intervenção Assíria.

O estabelecimento destas três fases garante, portanto, conceber conexão entre o Império egípcio e o reino de Kush<sup>23</sup>, sendo que a Núbia se tornara “[...] em primeiro lugar, um território de exploração para o Egito. Em seguida aproveitará o declínio egípcio [no Império Novo] para impor o seu domínio a todo vale, antes de sucumbir, por sua vez, aos golpes dos Asiáticos.” (KI-ZERBO, 1999, p. 83).

Trata-se de uma das mais brilhantes criações do espírito e da vontade dos homens. Alguns exemplos bastarão para evocar a sua grandeza e também as suas fraquezas. (KI-ZERBO, 1999, p. 89).

É desta maneira, entusiasta e reticente, que o historiador burquinense visualiza a complexidade da civilização egípcia antiga. Civilização que se caracteriza pelo poder ao mesmo tempo hierarquizante e paternalista na relação faraó-camponês. Outro fato relevante a ser destacado está relacionado ao papel que a mulher desempenhava socialmente compondo inclusive um “clero feminino”, diferenciando-se de outras sociedades antigas cujo papel feminino limitava-se à fecundidade.

Ademais, ainda a respeito da constituição civil egípcia, cabe referendar que a instância organizacional se estruturava não somente entre faraós (representação da divindade) e camponeses e artesãos; na condução factual do Império, os cargos de maior destaque estão relacionados ao papel da administração como o elemento essencial do escriba que “era antes de mais nada um cobrador de impostos e o

---

<sup>23</sup> O Reino de Kush (ou Cucho) estabeleceu-se a partir da unificação dos povos núbios aproximadamente no período do Médio Império egípcio.

homem de contas” o “homem de mil responsabilidades” e o vizir, que atuava com maior proximidade ao faraó sendo seu porta-voz perante a sociedade (KI-ZERBO, 1999, p. 91).

Observando a constituição e projeção do Egito Antigo como uma sociedade organizacional avançada para seu tempo, devemos, imprescindivelmente, verificar o papel que a escrita, as ciências (especialmente a matemática e a medicina) e a arte (gravuras, esculturas, edificações e outros) desempenharam na estruturação, difusão e perpetuação de uma sociedade provedora de conhecimento milenar.

Mas sobretudo esta arte, como na África Negra, é uma arte inspirada essencialmente pela religião. Os templos são a sua principal expressão [...] as paredes do templo estão cobertas de representações rituais e de imagens. As estátuas apresentam fórmulas hieroglíficas. Tudo isso tem por fim revigorar as forças benéficas representadas pelo Deus. *A religião egípcia é, no fundo, um vitalismo.* (KI-ZERBO, 1999, p. 93-94, grifo nosso).

Uma vez conhecido alguns aspectos que constituíram a sociedade egípcia antiga a partir da conceituação de Ki-Zerbo, cabe o imbróglcio questionamento que permeia este artigo: Fora o Egito Negro? Apesar de explicitar que suas intenções não são a de racializar a história, o autor menciona a importância de averiguar os fatos históricos em sua totalidade, e sobre a seguinte questão afirma que a “participação dos povos negros no desenvolvimento da cidade egípcia foi a tal ponto ignorada e desprezada [...] que, se não fosse sublinhada aqui, isso constituiria uma mentira por omissão”. (KI-ZERBO, 1999, p. 95).

Sua perspectiva analítica acerca deste fenômeno engloba, essencialmente, três argumentos que podem ser categorizados como geográficos, antropológicos e culturais. Cabe salientar que, assim como tantos outros historiadores dedicados aos estudos sobre a antiguidade egípcia e africana como um todo, Ki-Zerbo também relata em seus trabalhos a dificuldade em acessar fontes pré-históricas que possibilitariam remontar com maior exatidão a história do continente, incluindo a questão sobre a anterioridade e continuidade negra egípcia, todavia postula a importância da geografia como elemento preambular para a inteligência ampliada dos fatos. Neste sentido, retomar o percurso onde atualmente há indicativos de fósseis negroides desde o Paleolítico que se estendem à territórios europeu, mediterrâneo e asiático, bem como

a região do Magrebe se torna indicativo de enunciado de populações, sobretudo, negroides no território hoje compreendido como Egito, anteriormente ao processo de povoamento e dominação de outros grupos, muito embora há de se mencionar certa tendência a questionar estes fatos, colocando a ideia de que o considerado “milagre egípcio” somente tenha ocorrido em virtude das incursões de conquistadores vindos do leste. (KI-ZERBO, 1999; MASPERO, 1809; SMITH, 1968).

Não obstante, mas sim articulado ao panorama geográfico, os argumentos antropológicos são apresentados à princípio, arrolados às pesquisas de dosagem de melanina e frequência de radiocarbono realizadas por Cheikh Anta Diop, embora num sentido mais ampliado, que consideram sim a existência de egípcios negros (especialmente no período compreendido como proto-história), porém não obstante as evidências que contrariavam esta ideia única, como as articulações, invasões e matrimônio que compreendiam povos do Egito, Assírios, Persas ou Gregos, especialmente na região do Baixo Egito. Sobre este aspecto Joseph Ki-Zerbo desloca-se em direção à compreensão da existência de um Egito Antigo Negro que não se apresentaria absoluto ou em sua totalidade, mas que, sem dúvidas, “[...] desempenharam um papel decisivo no estabelecimento da civilização egípcia. E muitos dos grandes homens da história egípcia eram negros.”. (KI-ZERBO, 1999, p.101).

O último - mas não menos importante - argumento exposto por Ki-Zerbo a fim de elucidar o debate acerca da identidade negra egípcia, está fundamentado nos fatores culturais que, em hipótese alguma deve ser confundido ou mesclado, neste caso, com o conceito de raça. Logo, considerar a proximidade linguística entre o egípcio antigo e outras línguas africanas não significa que estes povos pertencem uma mesma característica fenotípica, tampouco associar o “progresso egípcio” que se relacionava às condições socioeconômicas e demográficas à cor da pele e por conseguinte ao “atraso” (leia-se o não desenvolvimento da escrita em período síncrono ao egípcio, por exemplo) das outras populações africanas. Por outro lado, é possível perceber aproximações culturais no contexto África ampliada e Egito (como estruturas governamentais e de reinado e aspectos íntimos como a circuncisão), que estão mais possivelmente ligadas, de acordo com o autor (1999, p.102), às rotas de dispersão e migração a partir do Neolítico do que por uma supremacia de origem egípcia antiga.

Portanto, o que pode ser apreendido das análises de Ki-Zerbo sobre o Egito Antigo é a relação múltipla e variável - incluindo os status de domínio e dominado - com as outras nações africanas. Neste sentido, Ki-Zerbo realiza sem mais objeções a realocação de um Egito Antigo em África Negra.

### 2.3 - Muito além do Egito Antigo de Elikia M'Bokolo

Historiador e professor nascido em 1944 em Kinshasa (antiga Leopoldville) no Congo sob domínio Belga, Elikia M'Bokolo faz parte da geração de acadêmicos africanos que desenvolvem suas pesquisas após as primeiras publicações do HGA<sup>24</sup>. Vivenciou o colonialismo e foi fortemente influenciado pelo movimento de luta pela independências das nações africanas, tendo afirmado em entrevista realizada em 2017 pelo professor Marcello Assunção que suas motivações para tornar-se historiador surgiram após assistir a um discurso de Patrice Lumumba que convocava que aqueles sujeitos africanos fossem os realizadores de sua própria história e não somente objeto como se apresentava a historiografia até então.

Na França, formou-se em história, letras e sociologia, tendo sido influenciado por autores diaspóricos como C. L. R. James e W. E. B. Du Bois, líderes e agentes do chamado Renascimento Africano e da Escola dos Annales através de Braudel, Le Goff e Duby, além do diálogo com Georges Balandier que foi também seu professor.

Apesar de dedicar-se aos estudos relacionados à África Contemporânea, M'Bokolo compreende o passado para constituir a chamada Continuidade das Civilizações Africanas. Nesta perspectiva e na possibilidade de acesso novas fontes, configura a ampliação de discussões historiográficas, incluindo a questão do Egito Antigo. M'Bokolo apresenta em seu livro *África Negra: histórias e civilizações*, análises que ultrapassam concepções postuladas pelas primeiras gerações de historiadores africanos. Fatores que são bastante perceptíveis ao analisarmos a construção textual e a utilização de fontes para a composição de suas pesquisas, proporcionando assim para o leitor a intelecção das especificidades dos processos.

Os dois volumes que compõem a obra *África Negra: História e Civilizações* representam, seguramente, um dos mais completos estudos sobre o continente africano. A obra, publicada inicialmente pela Hatier no ano de 1995 em Paris, apresenta um importante diálogo com outros historiadores e intelectuais africanos e suas teorias, numa perspectiva de ampliação e posicionamento de novas hipóteses.

---

<sup>24</sup> M'Bokolo é atualmente presidente do Comitê Científico Internacional da UNESCO para a Redação de uma História Geral da África para segunda fase de desenvolvimento da coleção (2009-atual).

O *Tomo I*, de acordo com o próprio autor, “cobre o período menos conhecido da história africana e um dos mais difíceis de abordar” em virtude da escassez de fontes ou estado destas. Sobre este aspecto vale destacar a importância do necessário intercâmbio entre ciências e especialistas dedicados a realizarem constantemente novos estudos em distintas áreas que possibilitam reavaliações ou certificações sobre fundamentos anteriormente expostos, como o fato de a humanidade ter surgido no continente africano, ou a nova compreensão da questão denominada “anterioridade africana”. (M'BOKOLO, 2009).

A pesquisa de M'Bokolo propõe uma análise ampliada do continente africano, da África Negra e, por sua vez, inclui o Egito em conjunto à outras regiões com a finalidade de inseri-lo não somente ao continente, mas também de evidenciar as relações para além e com este território. Portanto, a obra de Elikia M'Bokolo propõe uma compreensão bem anterior e muito além do Egito Antigo.

Nesta perspectiva, anteriormente à explanação acerca do período dinástico, M'Bokolo realiza um vasto levantamento acerca do “processo de *hominização*<sup>25</sup>” e sua caracterização paleontológica<sup>26</sup>, que afirma ter sido no continente africano o local onde foi possível verificar vestígios de todo o processo evolutivo. Assim sendo, “desta longa evolução podemos nos contentar em reter que é na África que se encontram ilustradas as principais fraturas da evolução do reino animal e os grandes momentos de mutação ou de progresso gradual [Australopithecus, Homo habilis, Homo erectus e Homo sapiens] levando à emergência do gênero humano”. (M'BOKOLO, 2009, p. 19). As especificidades deste assunto não serão aqui abordadas pois necessitaria de uma longa e minuciosa análise individual. Por outro lado<sup>27</sup>, os resultados deste processo sim serão utilizados como embasamento para a compreensão do Egito Antigo. Portanto, a concepção de uma África isolada e sem história se torna

---

<sup>25</sup> Assim é denominado o processo evolutivo da fase primata ao que atualmente pertence ao gênero humano.

<sup>26</sup> “Como não podia deixar de ser, as primeiras respostas são dadas pela África e apenas pela África. [...] Foi necessário esperar a colisão das placas continentais afro-árabes e asiáticas há cerca de 16 a 17 milhões de anos [...] para assistirmos ao estabelecimento da circulação entre a África e Ásia.” (COPPENS, 1983, pp. 55-56 *apud* M'BOKOLO, 2009, p.19).

<sup>27</sup> Neste sentido, cabe verificar um estudo mais detalhado: DEBONO, F. Pré-História do Vale do Nilo. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África: Metodologia e pré-história da África, vol. I. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2011. pp. 715-742.

insustentável, à medida que se comprova e apresenta um continente detentor de uma história constituída a longuíssimo prazo, formada por múltiplas relações comerciais, econômicas, políticas, militares e culturais<sup>28</sup>.

Através da apreensão revisitada dos relatos de Heródoto, M'Bokolo reflete sobre a dinâmica geográfica, na perspectiva de afirmação da existência de relações (comerciais, culturais e marítimas) estabelecidas em longuíssimo tempo, entre Egito, Líbia, Axum, Etiópia e Madagascar.

Não obstante, questiona o estabelecimento de lendas e mitos que são observados através de uma multiplicidade de fatores: A questão das fontes, já superadas, representaram, por um curto período a historiografia africana, um imbróglio no quesito interpretação. Cabe aqui mencionar o fator, assim determinado pelo autor, celetista que cabia por predominar uma à outra. Os mitos “científicos” por sua vez, condicionaram configurações epistemológicas tendo em vista que os primeiros relatos de uma história africana se deram a partir de estrangeiros. Logo, a adoção do conceito “raça” pressupõe superiorização da “raça branca” e subjugação e inferiorização das raças não brancas, especialmente o que se coloca em título de “raças africanas”, que viriam a postular os conceitos de etnia e nação. (M'BOKOLO, 2009, p.45-51).

A compreensão desta problemática é necessária para quando se observa a análise da questão do Egito Antigo realizada por M'Bokolo em associação às teorias refutadas de outros historiadores, inclusive africanos.

[...] contrariamente às ideias difundidas na opinião corrente, este debate é muito mais complicado do que pode parecer a princípio. Porque não se trata apenas de saber se estes egípcios eram negros, questão que se podia de resto decompor infinitamente: quais egípcios (em função de critérios sociopolíticos ou localizações geográficas) e em que épocas? É também necessário determinar se a civilização (ou as civilizações sucessivas?) do Egito faraônico era “negro-africana”, interrogar-se a respeito da pertinência da aplicação da identidade “negro-africana” a uma determinada civilização e extrair, se tal for necessário, todas as consequências epistemológicas e historiográficas de caráter “negro-africano” do Egito faraônico. (M'BOKOLO, 2009, p. 53)

---

<sup>28</sup> Ver HERÓDOTO. Histórias. Livro IV.

Desta forma, é possível novamente dedicar-se à análise das fontes, em especial à narrativa grega clássica, inquestionavelmente utilizada por Cheikh Anta Diop, porém fortemente questionada por M'Bokolo (p.53-54). Há de se ater que os dois principais questionamentos propostos são a utilização de fontes traduzidas e não no idioma original<sup>29</sup> e a garantia de fidelidade ao fato *versus* ideal projetado em narrativa. Nesta perspectiva, as análises sobre a identidade egípcia partindo destas fontes são fortemente questionadas, dado valor ficcional e não substancial possível existente.

O segundo ponto acerca do que o autor aponta como “veredito incerto das fontes” relaciona-se à análise iconográfica e a racialização egípcia que parte dela: Champollion, le jeune, quando propõe o termo “raça” em sua descrição sobre viagem ao Egito imprime não somente uma apartação, como também um estímulo à estruturação de um racismo acadêmico que se estabelece nos relatos até meados da década de 1950<sup>30</sup>.

De fato, duas correntes historiográficas tinham dominado o conhecimento do Egito Antigo que, em conjunto, tinham cortado o Egito do continente africano para o integrar na Ásia ocidental e no mundo mediterrâneo e que tinham, além disso, se apropriado deste período, considerado glorioso da história da humanidade. (M'BOKOLO, 2009, p.58).

Ainda sobre este aspecto é possível observar o estabelecimento da historiografia europeia que tratou de estabelecer vínculos entre a antiguidade egípcia e antiguidade clássica (leia grega), e a dita historiografia árabo-muçulmana, esta última pouco explorada. (M'BOKOLO, 2009, p.58). Sob esta ótica, os alertas estabelecidos por Volney, são pelo autor inteligíveis, como um inicial desmonte aos mecanismos pré estabelecidos, indo nesta perspectiva em acordo com Diop.

A partir da “denúncia” colocada por Constantin-François de Volney, já explicitada quando falamos do Diop, são estabelecidas as antagônicas correntes racialistas que reivindicam para si, cada uma em seu lado, a branquitude egípcia

---

<sup>29</sup> Neste sentido, M'Bokolo realiza uma crítica direta à Diop pelo fato de, com historiador, utilizar uma fontes (no caso textos do Heródoto) traduzidos para o francês por terceiros se apresentar como ato falho e inadmissível, uma vez que nesta transmissão de informações pode haver a presença de fatos ou interpretações de terceiros. (M'BOKOLO *apud* DE ASSUNÇÃO, 2017).

<sup>30</sup> Importante lembrar que Jean-François Champollion escreve estes relatos em meio ao cruel processo de tráfico e escravização africana para as américas, portanto inteligível o processo intencional de deslocamento do Egito do continente africano, na perspectiva de embranquecimento daquela nação.

*versus* a negritude egípcia, sendo a primeira representada essencialmente por Champollion-Figeac e associação à fenotípia, e a segunda, empreendida na década de 1950 cujo autor denomina “revolução cheikhantiana” e “obsessão” pela questão fundadora de um Egito Antigo Negro.

Neste sentido é possível aproximar as análises realizadas por M'Bokolo e verificar sua compreensão sobre a proposta de Egito Antigo apresentada por Cheikh Anta Diop e Joseph Ki-Zerbo:

Nos meus livros, eu explico que o Diop tem uma obsessão pelas origens, o Egito etc. Para mim, na história, a origem não é o que conta mais. O que conta, de fato, são os processos. A origem é sobretudo uma invenção dos povos. A ideia de “processo” é mais presente no Ki-Zerbo do que no Diop. [...] a questão não é só saber se o Egito é negro ou não, mas como nós de uma origem tão gloriosa chegamos ao estado atual. O que aconteceu para isso? [...]. (M'BOKOLO apud DE ASSUNÇÃO, 2017).

Logo, a contribuição de M'Bokolo é essencial para a compreensão de Egito Antigo, uma vez que sua visão e problematização do tema frente a outras pesquisas nos entrega novíssimas gamas e possibilidades de questionamentos a serem estudados acerca do tema.

#### 2.4 - Reflexões, consonâncias e contrastes

Indubitavelmente fica comprovado neste trabalho a importância dos três autores para a compreensão das múltiplas faces da historiografia africana. Contudo, devemos nos atentar à alguns fatores sobre o que considerar entre ambos. Partindo desta fundamentação, proponho aqui algumas reflexões sobre esta tríade intelectual.

A primeira questão, possivelmente a mais evidenciada, está relacionada ao conceito de “raça” empreendido tanto por Diop, quanto por Ki-Zerbo como por M'Bokolo, projetados em distintos níveis.

Cheikh Anta Diop, apesar de em seus textos afirmar a negação ao conceito de raça como o estabelecido pela cultura eurocêntrica hegemônica durante séculos, aproxima-se em certos momentos à perspectiva racializadora anteriormente postuladas, apesar de, insisto, ter como motivações justamente a quebra de um paradigma racista e segregacionista. Portanto para a análise deve-se considerar o tempo no qual a pesquisa foi realizada.

Ki-Zerbo e M'Bokolo por vez, também se utilizam do termo “raça”, contudo numa perspectiva menos centralizada na individualidade, no sentido de ampliação de uma unidade que poderia ser também compreendida como “povo”.

Muito embora os três historiadores possam divergir em relação a teorias uns dos outros (neste caso mais especificamente de Ki-Zerbo e M'Bokolo sobre a obra de Diop, muito em função da cronologia que eles apresentam suas pesquisas), também possuem aproximações: Diop, Ki-Zerbo e M'Bokolo estão comprometidos com a quebra do mito racista que estabelece a passividade do continente africano, rejeitando e confrontando factualmente a ideia de que “a África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela.” (HEGEL, 1830 *apud* KI-ZERBO, 1972 p.10).

Para a realização de suas incursões intelectuais sobre o Egito Antigo, em maior parte das vezes utilizam o mesmo *corpus* documental como os relatos de autores clássicos da antiguidade, muito embora suas aferições resultem em quocientes díspares.

Diop evidencia, por exemplo, a importância das fontes greco-latinas e egípcias antigas, dando maior relevância a estas em suas análises. Por outro lado, Joseph Ki-Zerbo acresce informações sobre o fato de fontes árabes ofertarem maiores novos e mais ampliados elementos sobre o período egípcio antigo. Em acréscimo, Elikia M'Bokolo, parte da análise destas mesmas fontes incorporando uma criticidade proeminente que resulta em novos questionamentos sobre a aceitação delas como fontes inquestionáveis.

Com relação à linguística, para citar apenas uma das fontes e métodos de análise, Cheikh Anta verifica proximidade entre o egípcio antigo e o wolof num paralelo que procura aproximar características culturais com a etnogênese visualizada. Por outro lado, Ki-Zerbo e M'Bokolo ressaltam a necessidade de separação entre “raça e civilização/cultura/língua”, pontuando neste sentido, uma crítica direta à Diop por sua afirmação sobre o não desenvolvimento dos subsaarianos frente aos egípcios, uma vez que ambos seriam negros. Apesar dos importantes estudos linguísticos avançados, não é possível classificar somente por similaridade de diferentes povos puramente pela questão linguística uma vez que em África havia e há uma enorme multiplicidade de línguas tradicionais e/ou maternas.

Neste sentido, o que se apreende é que em certos momentos os autores compartilham e perpetuam legados civilizatórios ou mesmo uma construção que, mesmo visando se opor ao eurocentrismo, acaba por vezes se aproximar de conceitos anteriormente estabelecidos como a questão da racialização.

Tais considerações permitem ponderar sobre as diferenças epistemológicas que pensam a historiografia; em *As Formas Africanas de Auto-Inscrição* (2001), Achille Mbembe propõe criticamente um manancial epistemológico africano distinto do dito “ocidental”, tornando-se assim possível focalizar nas questões historiográficas africanas, bem como suas especificidades múltiplas. Sob este aspecto cabe então reiterar a importância da produção historiográfica dos três autores destacados neste trabalho, ponderando questionamentos que possibilitam alcançar novos horizontes analíticos e de entendimento.

Vale destacar porém que, apesar da escolha destes três autores, anteriormente justificadas, há outros debates entre intelectuais africanos (e até africanistas dedicados à realidade e conjuntura africana) em proximidade, contestação ou

ampliação dos conceitos aqui mencionados que aqui denomino como “um olhar Africano ao Egito Antigo para além Diop, Ki-Zerbo e M'Bokolo”. No próprio volume II do HGA há oposições quanto às origens dos antigos egípcios. Gamal Mokhtar, editor do referido volume da coleção, no prefácio do livro contrapõe algumas das ideias de Diop. Por outro lado, Théophile Obenga em ensaios específicos sobre Egito Antigo (1970, 1975, 1978 e 1989) apresenta teorias ao mesmo tempo próximas e aumentadas às de Diop. Para além, o brasileiro Alberto da Costa e Silva, apesar de já no início de seu relato (2011) mencionar estar distante da problemática acerca do Egito Antigo, ainda assim apresenta observações bastante interessantes de serem capturadas para reflexão. Estes são apenas alguns poucos exemplos, uma vez que não há neste trabalho espaço dedicado à esta análise em especial.

### 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível verificar a importância da historiografia africana para o entendimento de Egito Antigo, contrariando concepções seculares que seguiam recusando o aceite destes estudos.

Sob a égide das teorias, ficaram estabelecidas as conceituações propostas por cada um dos três autores, bem como suas implicações práticas e relacionais. Neste sentido, fica a compreensão de que *Anterioridade Africana* não significa dizer somente que Egito é o berço da civilização, mas sim primórdio de técnicas, saberes, organizações e religiões. Na mesma direção, foi possível compreender que *Continuidade das civilizações africanas* não é sinônimo de inércia, mas sim da ideia de se embasar no passado para construir o futuro, num projeto de presente, passado e futuro interconectados.

A respeito do conceito de *Continente Aberto* empreendido por M'Bokolo, se fez evidente o fato de África estar interligada com outros continentes desde sempre através de relações comerciais e econômicas, portanto estando assim presente na dimensão histórica de outros continentes desde a antiguidade. E, paralelamente relacionado a este conceito, a concepção de *Falsificação da História* fica exemplificada a partir da constituição de mitos de passividade e benevolência africana pela "tradicional" historiografia eurocêntrica.

Questionamentos sobre a atribuição da origem da humanidade a um só continente ou país podem e devem ser realizadas, contudo é necessário compreender a importância das pesquisas de Diop, Ki-Zerbo e M'Bokolo no sentido de questionar um imaginário hegemônico e colocar em evidência África como continente histórico de si há longuíssimo prazo. A não aceitação deste fato que está posto e comprovado propicia alguns questionamentos: Por que não aceitar a antiguidade egípcia (e ou africana em geral) como território de intelectualidade? Por que não considerar estes autores? Estes fatores se devem ao racismo antinegro?

A não incorporação destes autores como referencial bibliográfico é perceptível, no caso do Brasil, por exemplo no acesso a seus livros, artigos e demais estudos. Sobre este tópico gostaria de chamar especial atenção para a dificuldade em acessar especialmente os livros *Nations nègres et culture* de Cheikh Anta Diop e *História da*

*África Negra* de Joseph Ki-Zerbo, tendo sido necessário empreender um imenso esforço realizado em contato com editoras, bibliotecas, fundações e sebos no Brasil, França, Portugal, Senegal, Burkina Faso e Congo. Cabe mencionar que a quarentena que vivenciamos no momento da elaboração e finalização deste trabalho em virtude da pandemia provocada pelo novo coronavírus no ano de 2020 foi um agravante neste processo, porém não teve seu peso elevado, uma vez que verifiquei que a grande questão é a não existência destes e outros materiais primordiais para a constituição desta pesquisa nas principais bibliotecas do país.

Importante mencionar que havia da minha parte uma dúvida adicional à interpretação de Egito Antigo por historiadores africanos: estava colocado o questionamento sobre como e/ou se trata o tema Egito Antigo nas universidades. Por este motivo realizei um levantamento inicial (este sim, bastante prejudicado em virtude da pandemia) de grades e currículos de universidades brasileiras onde verifiquei muito inicialmente a invisibilidade destes autores. Outra questão está relacionada à existência de Egito Antigo e África Antiga como disciplinas necessárias para a formação do historiador, uma vez que atualmente são priorizados o ensino das antiguidades ditas clássicas.

Sobre estes aspectos novas problemáticas emergem: Por que não se fala de Egito no curso de licenciatura (ou bacharelado) em história? Por que estes autores que são fundamentais para a compreensão de Egito Antigo não aparecem na bibliografia dos cursos? Qual é a relação da Lei 10.639/03 com o ensino superior? Em que medida estamos formando professores capacitados a propor argumentações que não hegemônicas? A que se deve esses fatores? (MACEDO, 2008; MOORE, 2007; MUNANGA, 2015).

Estas são questões que serão discutidas por mim futuramente em dissertação de mestrado e tese de doutorado, contudo, as possibilidades de novas pesquisas se ampliam tanto a partir deste trabalho posto, como das provocações em suma apresentadas. Neste sentido, espero que no futuro, este trabalho seja acessado não como mais um instrumento para pleitear algo que já deveria estar estabelecido, mas sim como um olhar sobre os enfrentamentos que foram travados em busca de uma compreensão mais ampliada de Egito sub judice africana.

## REFERÊNCIAS

BAKOS, Margareth. Egíptomania: Fragmentos do Mundo Antigo no Brasil. **Comunicação; ANPUH - XXII Simpósio Nacional de História** - João Pessoa, 2003.

BAKR, A. Abu. O Egito faraônico. *In*: MOKHTAR, G. (org). **História Geral da África: A África antiga, vol. II**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2011. Cap. II.

BARBOSA, Muryatan Santana. **A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO)**. Tese; Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2012.

BRASIL. **Lei no. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação/SECAD/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **O Egito Antigo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

COPANS, John. Entretien avec Elikla M'Bokolo. Chronique Scientifique. **Politique Africaine**, nº 46, junho de 1992, p.155-159. Disponível em: <http://www.politique-africaine.com/numeros/pdf/046155.pdf>. Acesso em: 1.nov. 2020.

DE ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA AFRICANA: ENTREVISTA COM ELIKIA M'BOKOLO. **Revista de Teoria da História | Journal of Theory of History**, v. 18, n. 2, p. 267-288, 28 dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/50912/24914>. Acesso em: 4.set. 2020.

DIOP, Cheikh Anta. **A origem dos antigos egípcios**. *IN*: MOKHTAR, G. (org). História Geral da África: A África antiga, vol. II. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2011. Cap. I, pp. 1-37.

\_\_\_\_\_. **A Unidade Cultural da África Negra: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica.** Trad. Sílvia Cunha Neto. Luanda: Pedago, 2014.

\_\_\_\_\_. **The african origin of civilization: myth or reality?**. New York: Lawrence Hill & Company, 1974.

\_\_\_\_\_. **Unité D'origine De L'espèce Humaine. In: UNESCO. Racisme, science et pseudo-science: actes du colloque réuni en vue de l'examen critique des différentes théories pseudo-scientifiques invoquées pour justifier le racisme et la discrimination raciale,** Athènes, 30 mars - 3 avril 1981. Volume 8 - Collection Actuel. Paris: Unesco, 1982, pp. 137-141.

\_\_\_\_\_. **Nations nègres et culture: De l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui.** Paris: Présence Africaine, 1954

\_\_\_\_\_. **Civilizacion y barbarie : una antropologia sin condescendencia.** Tad. Albert Roca Alvarez. Barcelona: Bellaterra: Casa África, 2015.

DOS REIS, Raissa Brescia. Reivindicações pela origem: A apropriação do Egito Antigo pelo discurso pan-africano. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios**, v. 2, n. 20, p. 87-94, 3 dez. 2009. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7873/6895>.

Acesso em: 7.set. 2020.

FUNARI, Raquel dos Santos. A África antiga no Ensino de História. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, v. 3, n. 2, pp. 194-204, 30 jan. 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.31669/herodoto.v3n2.16>. Acesso em: 7.set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Visões Modernas do Egito Antigo: considerações a partir de uma pesquisa de campo.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH: São Paulo, julho 2011.

HEGEL, G. W. F. **Filosofía de la Historia.** Barcelona: Ediciones Zeus, 1971.

HERODOTO. **The History of Herodotus**. Translated by George Rawlinson. New York: Tudor, 1928.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. [S.l.: s.n.], 2005.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra Volume 1**. Trad. Américo de Carvalho. 3.ed. Mem. Martins: Europa-America, 1999.

KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**, vol. I. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2011.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazas, 1995.

MACEDO, José Rivair. (Org). Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series. ISBN 978-85-386- 0383-2. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788538603832>. Acesso em: 6.ago. 2020.

MASPERO, Gaston. **Description de l'Égypte - tome premier**. Paris: Imprimerie Impériale, 1809.

MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-Inscrição. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e civilizações. Tomo I (Até o século XVIII)**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

\_\_\_\_\_. Forces Sociales Et Idéologies Dans La Décolonisation De L'A.E.F. **The Journal of African History**, vol. 22, no. 3, 1981, pp. 393–407. Disponível em: JSTOR, [www.jstor.org/stable/181810](http://www.jstor.org/stable/181810). Acesso em: 29.ago. 2020.

MOKHTAR, Gamal (org.). **História Geral da África: África Antiga**, vol. II. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2011.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: Novas Bases Epistemológicas Para Entender O Racismo**. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2007.

MORAES, Erica Siane. **Heródoto e o Egito: tradição e comentário do livro II das Histórias**. 1999. 233 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268983>. Acesso em: 8.ago.2020.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

OBENGA, Théophile. Fontes e técnicas específicas da história da África: panorama geral. In: Ki-Zerbo, J (Org): **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**, vol. I. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2011.

\_\_\_\_\_. **O sentido da luta contra o africanismo eurocentrista**. Portugal e Angola: Edições pedagogo e Edições Mulemba, 2013.

\_\_\_\_\_. **L'Égypte Pharaonique tutrice de la Grèce de Thalès à Aristote. Ethiopique**, v. 6, n. 2, 1989. Disponível em: [http://ethiopiques.refer.sn/spip.php?page=imprimer-article&id\\_article=1128](http://ethiopiques.refer.sn/spip.php?page=imprimer-article&id_article=1128). Acesso em: 25.jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Égyptien Ancien Et Nègro-Africain**. Cahiers Ferdinand De Saussure, no. 27, 1970, pp. 65–92. Disponível em: JSTOR, [www.jstor.org/stable/27758115](http://www.jstor.org/stable/27758115). Acesso em: 25.jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Contribution De L'Égyptologie au Développement De L'histoire africaine**. Présence Africaine, no. 94, 1975, pp. 119–139. Disponível em: JSTOR, [www.jstor.org/stable/24349841](http://www.jstor.org/stable/24349841). Acesso em: 26.jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Cheikh Anta Diop et les Autres**. Présence Africaine, no. 105/106, 1978, pp. 29–44. Disponível em: JSTOR, [www.jstor.org/stable/24349733](http://www.jstor.org/stable/24349733). Acesso em: 26.jul. 2020.

PAIVA, Viviane Aparecida da Silva. **O Egito Como Componente Curricular: Desafios E Possibilidades No Ensino De História Da África**. Dissertação de Mestrado. Catalão, GO: UFG, 2016.

SAGREDO, Raisia B. W. **Raça E Etnicidade: Questões E Debates Em Torno Da (Des)Africanização Do Egito Antigo**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC: UFSC, 2017.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. - 5.ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SMITH, Philip E. L. Problems and Possibilities of the Prehistoric Rock Art of Northern Africa. *In: African Historical Studies*, vol. 1, no. 1, 1968, p. 1-39. Disponível em: JSTOR, [www.jstor.org/stable/216189](http://www.jstor.org/stable/216189). Acesso em: 3.nov. 2020.

VOLNEY, M. C. F. **Voyage en Syrie et en Egypte pendant les années 1783, 1784 et 1785**. Paris, 1987, 2 vols. 2.J. Gaulmier, 1'idéologue Volney,. 1757-1820. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1041132/f2.item.planchecontact>. Acesso em: 7.ago. 2020.